

## A FENOMENOLOGIA – ANOTAÇÕES

[Lyotard, Jean-François. *A Fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2008.]

Caderno de Anotações, p. 099, 17.01.2012.

*O ceticismo Psicológico*: inscreve-se a fenomenologia no combate ao psicologismo, que separa o sujeito do contato concreto com o mundo num tipo de idealização conceitualista própria do *cientificismo*, que será alvo também de Merleau-Ponty e Heidegger.

[Seria muito interessante citar Husserl, levando em consideração que ele é o “precursor” de Heidegger e é possível observar uma continuidade nos pensamentos. Nesse sentido, pode ser interessante mesmo a citação para \_\_\_\_\_]

*O estudo das Ciências*, que não é uma espécie de idealização como o psicologismo, pois pauta por uma descrição do contato concreto, sem excluir a realização da consciência, como faria o empirismo (o qual também é criticado por Husserl). A verificação da cor, por exemplo: a cor é um objeto da percepção enquanto a encontro numa qualidade de extensão. Não posso realizar a cor no mundo sem que ela esteja em algo, em uma extensão-suporte; não pode nem mesmo a cor ser imaginada. A cor, assim como qualquer coisa, possuiria qualidades fundamentais, para que seja colocada sua real existência, que estão sempre na dependência de um outro algo, outra coisa.

*Eidética*: a cada ciência empírica corresponde uma ciência eidética respeitante ao *eidos* regional dos objetos por ela estudados, e a própria fenomenologia é, nessa eta-

pa do pensamento husserliano, definida como ciência eidética da região da consciência” (p. 21).

A fenomenologia como *propedêutica ás ciências do espírito* (p. 23). A consciência é sempre consciência de alguma coisa (máxima de Bretano, professor de Husserl). Coloca-se assim o problema como uma indefinição entre o  *mundo transcendente e o mundo imanente*. Esse problema é colocado com mais evidência na “**redução**” descartiana, de onde desdobramos o problema para o EU, a consciência. Uma idéia de *eu puro* [eu transcendente ou eu imanente]; a aparente “**redução**” disso é a *intencionalidade*: uma consciência se mostra naquilo de que é consciência. Se dissermos ser consciência de nada isso já seria um fenômeno de que é consciência. A coisa surge como o fenômeno da consciência da coisa. “A variação imaginária operada na consciência nos mostra claramente a sua verdadeira ausência, que é ser consciência de alguma coisa” (p. 57).

Caderno de Anotações, p. 100, 19.01.2012.

### III – O Mundo da Vida

1 – *O Idealismo Transcendental e suas contradições*: se o mundo é a ideia da unidade de todas as coisas, e a coisa é a unidade da percepção da coisa [mundo = relação entre os entes do modo como se-me-apresentam], chegamos ao *solipsismo*. A pergunta direciona-se assim, para o *saber do outro*. “Bem entendido, o outro é experimentado por mim como *estranho* (Meditações Cartesianas), pois é fonte de sentido e de intencionalidade” (p. 42). Vê-se então a contradição entre uma filosofia transcendental e a constituição social do sujeito. É nesse sentido de integração cultural que se pensa o Espírito (*geist*) como *Lebenswelt*, ou, O Mundo da Vida. “Somente o transcendentalismo, doador de sentido, vivendo de uma vida pré-objetiva, pré-científica, num *mundo da vida* imediato, para o qual a ciência exata não passa de revestimento, concederá ao objetivismo o verdadeiro fundamento e lhe retirará o poder alienatório” (p. 46). Essa importância salvadora dada à fenomenologia é a mesma saída encontrada por Heidegger na luta contra o esquecimento do ser, causado pelo cálculo e pela técnica moderna. “A verdade da ciência já não se funda em Deus, como em descartes, nem nas condições *a priori* de possibilidade, como em Kant, funda-se no vivido imediato de uma evidência atra-

vés da qual o homem e o mundo se encontram originariamente de acordo” (p. 50). Esta é sempre a busca pela Verdade e como busca por uma originariedade, Verdade é aqui gênese do Sentido (p. 55), ou, fundação do Ser.

Caderno de Anotações, p. 101.

## Segunda Parte – Fenomenologia e Ciências Humanas

### Capítulo I – Posição do Problema

As ciências humanas estão no centro do pensamento fenomenológico. Observando as contradições e idealizações do sociologismo, do historicismo, do empirismo, do intelectualismo e principalmente do psicologismo, a fenomenologia tenta fundar-se como um modo de investigação lógica, isto é, como um conhecimento que parta da observação objetiva das partes e do todo, com o intuito de construir um discurso (*logos*) que coloque já de início a si mesmo como objetivado e objetivável.

E a *Lógica das Ciências Humanas*: procura a fenomenologia por (i) definir eideticamente o objetivo dessa ciência numa (ii) pré-objetividade, (iii) sem excluir a experimentação (iv) na medida em que seja uma experimentação concreta e (v) pressuponha uma *retomada filosófica*, i.e., de seu discurso inicial, dos resultados da experimentação, com a direção e o sentido de (vi) alçar o significado fundamental tendo em vista sempre (vii) a ferramenta mental utilizada.

“Num primeiro sentido, a fenomenologia é a ciência eidética correspondente às ciências humanas empíricas (em especial a psicologia); num segundo sentido, instala-se no âmago dessas ciências, no coração do facto, assim realizando a verdade da filosofia, que consiste em extrair a essência do interior do próprio concreto: é, então, o *revelador* das ciências humanas.” (p. 63).

Caderno de Anotações, op. 105, 24.01.2012.

### Capítulo II – Fenomenologia e Psicologia

Como método geral a psicologia admite a *introspecção*, essa introspecção pressupõe: (i) que o vivido da consciência constitui um saber da consciência e que existiria

uma *transparência* entre o fenômeno e a consciência; (ii) que esse vivido seria concebido como *interioridade*, onde distingue-se exterioridade e interioridade de modo absoluto; (iii) que esse vivido, esse saber, seria *individual* (pontual e não reproduzível). Desse modo a experiência não seria transmissível, comunicável, a não ser havendo uma *condição humana*, que integre essas individualidades absolutas.

A fenomenologia concorda com a crítica objetivista das teses introversão-objetivistas (p. 67). A respeito do saber mediato da consciência: “O conhecimento de si por si é indireto, é uma construção; é necessário decifrar a minha conduta como decifro a do outro (Merleau-Ponty, *Les sciences de l'homme et la phénoménologie*)” (p. 67). Vê-se a oposição reflexão/introversão. Se sei o que é a cólera é porque tenho essa experiência *retida* em mim. Sendo que essa reflexão fenomenológica não é uma idealização e sim mais no sentido descritivo, como aproximação da própria coisa.

Colocando a reflexão como aproximação descritiva com a coisa, rejeita-se a distinção entre interior e exterior e a questão então é *como existem objetos para mim?* “...por isso a intencionalidade encontra-se no centro do pensamento fenomenológico” (p. 69).

Isso leva ao problema da distinção entre consciência e corpo, que não retorna para uma *interioridade* e assim ao mesmo problema da incomunicabilidade da experiência (saber).

Caderno de Anotações, p. 106.

Merleau-Ponty em *A Fenomenologia da Percepção* apresenta o problema de modo coerente e: “Em psicologia, tal superação [objetivo/subjetivo] consegue-se, como método, pela retomada descritiva e compreensiva dos dados causais e, como doutrina, pelo conceito de pré-objetivo (*lebenswelt*)” [mundo da vida] (p. 84).

---

Nesse questionamento de como pode haver *coisa externa a mim* e *eu*, vai-se ao questionamento do outro e tenta-se constituir uma ciência do outro, uma ciência desse mundo e relações entre outros, uma sociologia. A *sociologia* não existe para a fenome-

nologia, pois, procurando-se descritivamente a eidética social, nos aproximando das origens das relações, vemos que não haveria essa transformação positivista na criança, mas a manutenção de uma primeira *indivisão* com o outro (que faria com que o eu se coloque num intermundo).

A fenomenologia não propõe uma sociologia, mas uma descrição dessa atividade reflexiva. “Mas essa descrição, por sua vez, só pode realizar-se com base nos dados sociológicos, também eles, resultados de uma objetivação prévia do social” (p. 103).

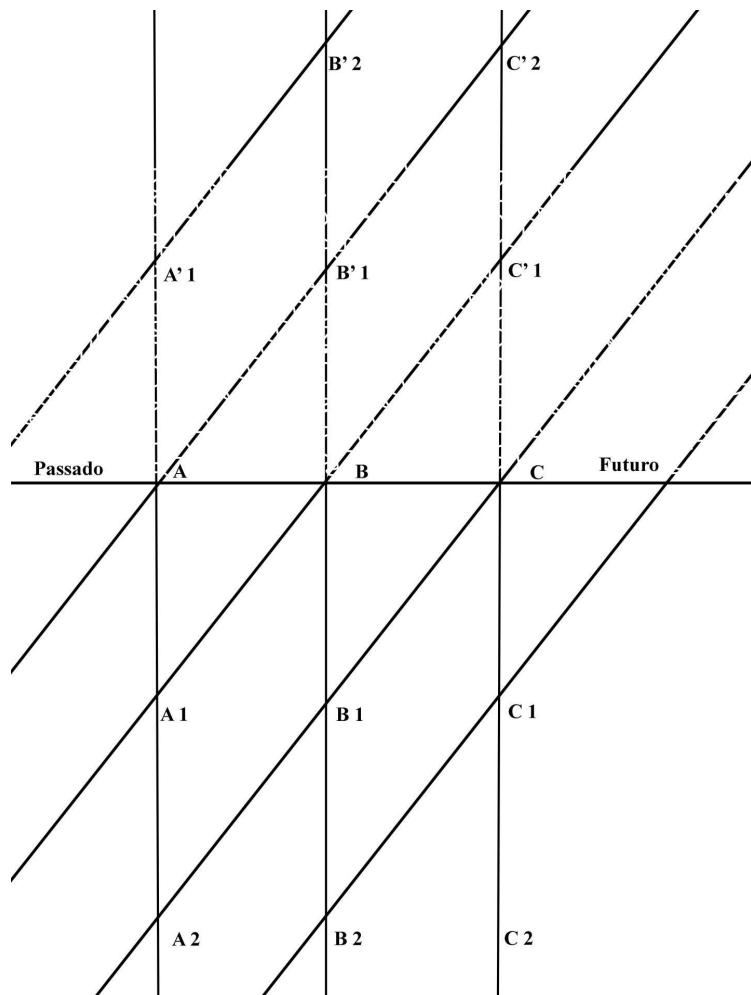
[Adendo: Lyotard ao citar (p. 104-105) as pesquisas de Kardiner a respeito dos habitantes de *Alors*. Todos esses resultados soam estranhos quando se busca um entendimento descritivo do social, pois, os resultados parecem sempre partir e uma observação definida com base na existência de um comportamento social positivo e outro negativo, como se, *a priori*, houvesse um objetivo no social. Os comportamentos apontados soam como qualidades ou defeitos; como se houvesse um modo melhor de aquele social desenvolver. Enxergamos aqui algo que denominaríamos de uma *crença na falha social*, ou na *falha comportamental*, que faz com que o ato, ou a relação desencadeada pelo ato, não se apresente como fenômeno a ser significado (no qual se insere significado), mas já como um significado em si sem escapatória, é que pressupõe o contrário, uma *sociabilidade bem sucedida*. Nota-se que essas pesquisas antropológicas são baseadas em valores tidos como *universais*, como *crença*]

Caderno de Anotações, p. 107, 26.0.2012.

#### Capítulo IV – Fenomenologia e História

Questiona-se, de início, como a história torna-se um objeto para a consciência. Um móvel antigo seria histórico não simplesmente por sua materialidade ser velha, ou por seus estilos não serem mais os usuais; é histórico porque provém de uma humanidade que esteve presente, identificada num “mundo humano” que o sujeito atual temporaliza, presentifica. Nesse sentido temporal, a consciência seria um *fluxo de vivências* presentificadas (*erlebnisse*) (p. 111).

Como se daria, ou qual seria a temporalidade da consciência (ou como conceber a historicidade)? Lyotard adota o seguinte esquema de Merleau-Ponty (p. 114):



Em cada estado temporal, não posso deixar de realizar os demais estados, em atualidade e virtualidade, a diferença é apenas de *giro* das posições. Heidegger  $\geq$  Merleau-Ponty  $\geq$  Lyotard: “A temporalidade temporaliza-se como futuro e vai ao passado, ao vir ao presente”. E na sequência Lyotard: “... porque souu uma intencionalidade aberta que sou uma temporalidade” (p. 115).

“Sabemos agora como é que há história para a consciência: ela própria é história” (p. 116). Se decide-se então pensar uma ciência da história, esta deve sempre se apoiar numa filosofia da história, pois a história seria da ordem do espírito (p. 118) e nesse ponto é interessante retomar a visão heideggeriana de história. Então se tornaria fundamental a leitura de *Ser e Tempo*, para travar contato com o *Mitsein* heideggeriano.

[guardando a citação: Lyotard, p. 137, nota de rodapé 35, a respeito de Gallimard, 1955: “Eis a verdadeira questão: a revolução é um caso limite do governo ou o fim do governo?” ao que MP responde: “Concebe-se no segundo sentido e pratica-se no primeiro. As revoluções são verdadeiras como movimentos e falsas como regime”.]

Caderno de Anotações, p. 108.

### Conclusão

Na intenção de separar a alternância objetivismo/subjetivismo, a fenomenologia, ainda em Husserl, coloca os conceitos de *essência*, *ego transcendental*, e *Leben* [relativos nas ciências humanas à *corpo*, *Mitsein*, e *historicidade*].

“A fenomenalidade do fenômeno nunca é, ela mesma, um dado fenomenal”, escreve muito bem E. Fink” (p. 140) [in: *Problèmes actualles de la phénoménologie*, 1952, p. 71] Daí a fenomenologia não atingir a questão acerca da identificação de *Ser e Fenômeno* \_\_\_\_\_.

“E se MP faz sua a célebre fórmula de Marx: ‘só podeis suprimir a filosofia, restando-a’, é porque a fenomenologia lhe parece significar exatamente uma filosofia *feita real*, uma filosofia suprimida como existência separada” (p. 143).